

## A LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA: MÁSCARAS SOCIAIS

Simone Alves Pedersen<sup>1</sup>

### RESUMO

Nesse artigo, analisamos alguns discursos no livro infantil “O mundo no Black Power de Tayó”, de Kiusam de Oliveira e “A menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado. Consideramos a representação do personagem negro em alguns livros de literatura infantil do PNBE – Plano Nacional da Biblioteca escolar e no mercado editorial contemporâneo. Também refletimos sobre os estereótipos da criança negra na literatura e no emergente estereótipo da criança perfeita, linda, feliz, que não sofre mesmo quando é vítima de bullying. Finalizamos com nossa preocupação por um discurso no qual a vítima de preconceito não procure seus direitos e afirmamos que precisamos de mais livros de literatura nos quais os personagens afrodescendentes sejam protagonistas de situações cotidianas comuns que não se relacionam com sua etnia.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil. Literatura afro-brasileira. Análise de discursos.

### ABSTRACT

In this article, we analyze some discourses in the children's book "The World in Black Power of Tayó," from Oliveira Kiusam and "The Pretty Girl with silky laces" from Ana Maria Machado. We consider the representation of black characters in some children's literature books selected by the PNBE - National Plan for School Library and the contemporary publishing. Also, we reflect on the stereotypes of afro children in literature and the emerging stereotype of afro children :perfect , beautiful, happy , that does not suffer even when bullied . We end with our concern for a discourse in which the prejudice victim do not seek for their rights and affirm that we need more literature books in which the characters of African descent are the protagonists of common everyday situations that do not relate to their ethnicity .

**Keywords:** Children's Literature. African - Brazilian Literature. Analysis of discourses.

### Introdução

Sendo a leitura uma experiência dialógica entre autor e leitor, mediada pelo mundo e pela cultura que cada parte emana, a literatura infantil e juvenil é uma ferramenta que pode potencializar a sensibilidade de quem a escreve e de quem a lê, assim como pode ser disparadora de reflexões críticas.

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e se especializando em Psicologia da Educação na UNICAMP. Escritora e bacharel em Direito. E-mail: s.pedersen@uol.com.br

No Brasil, por meio do PNBE – Plano Nacional da Biblioteca Escolar, acervos selecionados entre milhares de livros são distribuídos para todas as escolas do país. Nunca houve um acesso tão disseminado de literatura em nosso país, como atualmente. Não obstante as dificuldades que surgem após a distribuição dessas obras, como caixas que não são abertas, falta de biblioteca, indiferença por parte de alguns educadores, formação e formação continuada insuficientes para a prática pedagógica da leitura em sala de aula, os alunos brasileiros são contemplados com possibilidades de leitura de qualidade.

Esse artigo pretende analisar alguns discursos que se apresentam e outros que se omitem nas escolhas desses livros, considerando que o objetivo de combater os preconceitos e promover a diversidade entre os alunos tenciona a decisão do material a ser adotado. Diante do problema que docentes encontram no seu dia-a-dia, um livro que aborde temas importantes como diversidade cultural e racial e ofereça apoio na mediação de conflitos, é recebido com esperança, quando não inocência. Esperança de que uma narrativa possa disparar uma discussão em classe que promova reflexão e entendimento, culminando em solução dos problemas de convívio entre os alunos. Inocência por acreditarem que todo livro publicado com personagens negros promova positivamente mudanças no discurso que verbalizamos ou não. Discutir o racismo em sala de aula não é tarefa resolvida com a simples leitura de qualquer narrativa que apresente o tema.

Ao invés de enfatizar que os estudantes são leitores diversificados de uma cultura, é pedagogicamente importante reconhecer e compreender de que modo a propriedade e o controle dos aparatos de produção cultural limitam as leituras tornadas amplamente disponíveis após estudantes e modelam o contexto popular a partir do qual as noções dominantes de racismo são compreendidas. Quando o racismo é discutido em sala de aula, muito provavelmente focalizará o comportamento desagregador que os estudantes negros e hispânicos exibem nas escolas. Esse comportamento é o que será frequentemente visto como característico de todo um grupo social, ou como uma forma de patologia cultural segundo a qual as minorias devem ser censuradas pelos problemas educacionais por elas vivenciados (GIROUX, 1999, p. 124).

## O encontro do livro com o mediador e o leitor

Nesse encontro de leitor e livro, o professor-mediador não é neutro. Ele também traz as vozes da sua história. Dessa forma, não temos mais três polos: livro, leitor e professor. Temos polissemia de vozes em cada polo. E o polo dos discentes é multiplicado por quantos alunos deles fizer parte, cada um com suas marcas, vivências, expectativas.

A análise do discurso tem como objeto o contexto histórico-social, os acontecimentos e os sujeitos envolvidos. A sociedade fala. O discurso da sociedade está presente em situações, ainda que mudas. A Literatura espelha um lado da sociedade, um prisma, um discurso. A narrativa é uma produção individual e coletiva, que carrega em si os discursos de muitos outros. Assim sendo, um livro de literatura infantil apresenta não só o discurso do autor enquanto indivíduo singular, mas o discurso da sociedade e a leitura são feitos com base nas vozes que o leitor escuta sem notar. É por esse prisma, pelos preceitos de Bakhtin, que buscamos desnudar o que esses livros infantis vestem por baixo das fantasias coloridas que procuram ofuscar as cores das falas que ali residem.

O primeiro entrave é a escolha do livro. Em uma classe jamais será possível que todos os alunos desejem, se deleitem ou reflitam com o mesmo livro. Enquanto houver a escolha por outra pessoa, não será possível satisfazer a todos. A oferta deveria ser plena em opções, e não dogmatizada pelo adulto que a seleciona.

Enquanto alguns professores se encantam com a estética material do livro – tamanho, material, papel, diagramação, ilustração e capa –, outros escolhem pela narrativa. Alguns se interessam por histórias de aventuras, outros por histórias sensíveis. E muitos preferem livros que problematizem a moralidade, independente da sua qualidade estética material ou artística.

Mortatti discute a literatura infantil e seu apelo pedagógico, marca de nascença da literatura infantil e juvenil brasileira.

Sobretudo a partir dos anos de 1970, com o chamado *boom* da produção de livros para crianças e jovens, tem-se – a despeito da persistência da literatura infantil de caráter pedagogizante e de qualidade questionável– a consolidação dessa tendência esteticizante da literatura infantil brasileira. Dessa versão recorrentemente retomada por outros pesquisadores, pode-se depreender como uma das características apontadas na produção de literatura infantil brasileira sua oscilação entre gênero didático ou gênero literário e o correspondente esforço de superação do didatismo em favor da literaridade. Para esse esforço contribui especialmente a produção acadêmica a partir do final dos anos 80 no âmbito dos estudos literários, com sua forte tendência normatizadora sobre a produção de literatura infantil, decorrente de uma perspectiva evolucionista da história do gênero, segundo a qual a condição de maioria da literatura infantil brasileira deve ser aferida e/ou construída de acordo com parâmetros de esteticidade extraídos da produção literária “para adultos”, ou simplesmente, da literatura, sem adjetivos. (MORTATTI, 2001, ps. 180-181)

O segundo e maior entrave é analisar o grupo de alunos. Ao falar sobre negros em um grupo no qual os negros são a minoria, é necessário que o respeito seja o pilar principal. Como se sente o aluno negro ou aluna negra quando a classe discute preconceito racial? Como se sente esse aluno não branco quando a classe discute a cor de sua mãe, de seu pai, de seus irmãos e parentes?

Essa discussão que toca na vida das crianças é por um lado libertadora e por outro escravagista. Livros infantis e juvenis nos quais a etnia africana é abordada para falar da África e da história do mundo são importante vozes que interessa a todos conhecer. Livros infantis e juvenis que mostrem a infância como realmente é, nem sempre marcada por finais felizes e fadas que colocam o pão na mesa quando a fome aperta, são importantes disparadores dialógicos.

Contudo, o que precisamos são também livros infantis e juvenis que tenham protagonistas negros, orientais, indígenas, que não sejam estereotipados, que representem a diversidade dentro da normalidade. Temos brancos e negros pobres, temos brancos e negros honestos, temos brancos e negros desonestos. O que vemos na literatura infantil e juvenil hoje são duas categorias de representações do negro: o negro pobre, que mora na periferia, sem acesso à educação, que trabalha na rua, ou a representação do negro como padrão de beleza, no qual a narrativa flui em torno de destacar a beleza dos traços, em especial o cabelo e o nariz.

Quantos livros temos que tratem apenas do cabelo de uma pessoa branca? Quantos livros temos que tratem apenas de narizes miúdos e bocas de finos lábios? Ao

se discutir nesse nível a diversidade, deixamos o que realmente é relevante em um mundo que cada vez tem suas fronteiras apagadas: não se trata de convencer nossos alunos que o cabelo afro ou loiro é mais ou menos bonito. Temos que elevar a discussão para o nível em que o mundo é habitado por inúmeras etnias e cada uma delas tem suas singularidades, sem estabelecer uma hierarquia, um patamar, um padrão estético universal e estático.

O que consideramos belo hoje pode não ser mais belo amanhã. Ao discutirmos os aspectos biológicos das pessoas, não abordamos suas potencialidades. Não importa se o cabelo é afro ou liso. Somos mais que o externo, somos um universo único, cada um de nós valorizados pelas nossas experiências, enriquecidos pelas vozes dos nossos mundos, ou por elas empobrecidos.

Tratando-se de uma voz potente, a literatura infantil e juvenil deve ser escolhida com parcimônia e meticulosamente, para que não reproduzamos vozes contrárias ao que pretendemos explorar.

Um terceiro entrave encontra-se no duelo entre as vozes do autor e do ilustrador. No mercado editorial, muitas vezes quem escolhe o ilustrador é o editor. Quanto maior a editora, mais poder econômico de escolher um bom profissional. Não desconsiderando que muitos são os artistas de qualidade que não chegaram a esse patamar. Além do investimento, o editor depende da disponibilidade do artista. Depois que se confirmam quem será o autor de imagens, o diálogo ocorre de diferentes formas: o editor deixa o artista totalmente livre para criar; o editor dá as diretrizes e acompanha o trabalho do artista pedindo que faça reajustes; o editor permite que o autor do texto trabalhe em conjunto com o autor de imagens.

Seja a forma escolhida que for, o autor das imagens estará sempre em busca da beleza estética. Os discursos que o alimentaram não são os mesmos que os discursos do autor do texto. Por vezes, confluem. Por vezes, são muito diferentes. Conflitos podem surgir entre as partes, mas o comum é que conflitos surjam nos discursos que entram em choque entre o texto e as ilustrações.

Esse conflito não é de conteúdo, mas de discurso. O autor pode narrar uma história na qual a menina negra é linda e o ilustrador pode representá-la como bela

segundo seus padrões de beleza ou não. Não é incomum personagens negros com narizes do tamanho da boca, lábios extremamente proeminentes, negros coloridos de marrom claro, cabelos escondidos por bonés.

### **Livro: O mundo no BlackPower de Tayó de Kiusam de Oliveira**

O livro de Kiusam de Oliveira é de rara beleza. A autora das imagens trabalhou com cores quentes e o resultado é uma experiência estética potente. O livro conta a história de uma menina de seis anos, Tayó, que tem rara beleza. Ela é encantadora, contagia a todos com sua alegria, seu rosto tem infinitas belezas, seu nariz parece uma larga e valiosa pepita de ouro. Seus grossos e escuros lábios só falam palavras de amor. A autora prossegue descrevendo seu cabelo *black power*, que é a parte de seu corpo que mais gosta. As belas ilustrações mostram então diversos penteados, até que a autora afirma que “ela ama tanto os bichos, a natureza, os alimentos, as pessoas e os planetas que, por vezes, projeta todo esse universo em seu penteado”.

O conflito surge após a metade da história, e em vez de palavras de amor, Tayó grita na sua resposta, enfatizando o que acha de seus cabelos:

Bem-humorada, quando seus colegas de classe dizem que seu cabelo é ruim, ela responde:

— MEU CABELO É MUITO BOM porque é fofo, lindo e cheiroso. Vocês estão com dor de cotovelo, porque não podem carregar o mundo nos cabelos como eu posso.

Quando volta para casa pensativa com toda a falta de gentileza de seus colegas, Tayó projeta em seu penteado, mesmo sem se dar conta disso, todas as memórias dos sequestros dos africanos e das africanas, sua vinda à força para o Brasil nos navios negreiros, os grilhões e correntes que aprisionavam seus corpos. Tudo isso está bem guardadinho lá no fundo de sua alma. (KIUSAM, 2013, p. 27)

A narrativa é sensível e poética, fruto de um trabalho de alta qualidade. Acentua-se no discurso do texto a utopia da infância, o estereótipo da criança feliz, linda e boa. Essa imagem de princesa volta na página 35 quando a autora diz que “quando amanhece, Tayó acorda com uma alegria capaz de contagiar toda a cidade onde mora.

Seu corpo se ilumina. Olha para sua mãe, linda como ela, e tem a certeza que nasceu mesmo de uma RAINHA.” Rainha em letras maiúsculas.

A imagem dessa página é muito bela, com mãe e filha se olhando nos olhos, muito parecidas, e um coração sobre as duas.

Nesse discurso, a infância feliz da personagem negra não é diminuída pela forma que os amigos a tratam na escola, o que dificilmente acontece na realidade. Ao dizer que os outros alunos que eles têm dor de cotovelo (p. 27), alimenta-se um desengajamento dos sentimentos da menina, que encontra um motivo para que ser uma vítima de bullying, com uma simples resposta: inveja. Promove-se então a competição entre as crianças negras e brancas em busca de uma hierarquia físico-estética. O discurso se contradiz na página seguinte, quando a menina volta para casa pensativa, refletindo a falta de gentileza de seus colegas.

O mundo de Tayó é um conto de fadas no qual ela é uma princesa, linda, doce, alegre, que só fala palavras de amor. E como todo ser humano é contraditório, ela se defende dos ataques dos amigos os atacando e chamando de invejosos, e não brotam palavras de amor de sua boca durante os conflitos. Um momento na narrativa que a utopia cede espaço para a realidade da infância.

Nem sempre, entretanto, o sofrimento das personagens infantis retratado em obras de literatura (infantil) emerge de situações de pobreza, de desamparo social ou de trabalho. As amarguras e dores da infância muito frequentemente, na vida real, advêm de desajustes, medos, vergonhas e aflições que brotam do convívio da criança com seu entorno, das experiências relacionais com seus pares, com sua família, com integrantes da comunidade escolar da qual participam. (QUADROS & SILVEIRA,2015 , p.185)

**Livro: *Menina bonita de laço de fita*, de Ana Maria Machado**

O livro *Menina bonita de laço de fita*, da renomada escritora brasileira Ana Maria Machado, primeira edição de 1996, recebeu inúmeros prêmios quando lançado, entre eles o Prêmio Américas – Melhores Livros Latinos – EUA, 1997, Altamente recomendável

– Fundalectura, Colômbia, 1996, Prêmio Bienal de São Paulo – Menção Honrosa, 1998 e já teve mais de dez edições.

A narrativa descreve o desejo de um coelho branco de orelhas rosadas em ter uma filha linda como a menina de laço de fita. Curioso, o coelho pergunta para a menina como ela pode ser tão pretinha e ela criativamente responde o que imagina ser o motivo: tomar muito café, comer muita jabuticaba, cair em tinta preta. O coelho faz experiências e não consegue ficar lindo e pretinho como a menina, dificultando seu plano de ter uma filha assim linda.

A mãe surge na narrativa na página 15 e mostra a foto da avó negra. A personagem mãe é uma mulher mulata e muito bonita. O coelho então percebe que só terá filhotes pretos se a coelha mãe for preta e na página 19 surge a linda coelha “escura como a noite”, que na ilustração é marrom. Após namorarem e se casarem, como o discurso da família tradicional promove, tiveram muitos e muitos filhos, brancos, pretos, cinzas, mesclados e das mais possíveis variáveis.

A última imagem do texto diz que sempre perguntavam à Coelha bonita de laço de fita qual o segredo pra ser tão pretinha, e uma linda coelha, em uma ilustração de página inteira termina o livro, pintada de cor marrom.

Percebe-se que o autor das imagens usa o marrom em vez de preto. Artistas se preocupam com o contraste das cores, com tons que se complementem, e não tem uma só ilustração no livro todo que tenha um coelho preto.

A palavra “pretinha” é evitada por muitos autores. Pode-se usar menino branco, mas não pode se usar menino preto. O oposto de branco é moreno, escuro, negro. A mãe da menina é bem mais clara que a menina, na ilustração e se a avó na foto pequena é negra, é uma pequena parte da ilustração (p.14). Em nenhum momento aparece o pai da menina, não sabemos se é branco ou afrodescendente. Uma ilustração de um pai bonito e negro enriqueceria a imagem. Ou mesmo um pai negro que não fosse belo, mas tampouco feio e estereotipado.

Percebe-se que na literatura o discurso sobre a beleza africana está sempre no personagem feminino. Poucos são os livros que descrevem um personagem masculino negro e belo, como no livro *Os viajantes e o Sonhador*, de Lenice Gomes. Essa é uma

narrativa bela que conta a história de Mafu, um jovem guerreiro que deseja viver suas próprias histórias. Destemido, ele encontra em seu caminho o Sonhador e outros companheiros igualmente destemidos e habilidosos. As ilustrações são de muita qualidade estética e o livro é de alta qualidade literária. Uma grande obra.

O personagem afrodescendente é forte e valente, raramente é inteligente. Personagens negros cientistas, advogados, médicos, não são comuns. Ou o personagem negro está na África onde se aceita que ele “reine”, ou ele está no Brasil em uma narrativa sobre suas características físicas. O personagem negro na África está geograficamente onde pertence, onde pertence à sociedade, onde a cultura é rica e de direito. O personagem negro na África não no Brasil. Silva reflete sobre o multiculturalismo e suas implicações.

Como coloca Silva (1999), dentro do conjunto das teorias pós-críticas, surgidas a partir dos anos 80 e que vem operar com conceitos relativos à identidade, alteridade, diferença, cultura, gênero, raça, etnia, sexualidade, entre outros, uma forma da abordagem é o multiculturalismo liberal ou humanista. Segundo o autor, o multiculturalismo é ambíguo, pois, ao mesmo tempo em que surge como um movimento legítimo de reconhecimento de grupos culturais dominados, também aponta uma solução para os problemas que a diferença provoca para a cultura nacional hegemônica, enfatizando a ideia de tolerância, respeito e harmonia entre as culturas. Nesta visão, as diferenças culturais apenas ocultariam uma suposta humanidade comum. (HILLESHEIM; GUARESCHI, 2009, p. 214).

Nas ruas brasileiras, nas escolas, nas empresas, os seres humanos são de variadas etnias. Difícil sair no Brasil e não encontrar uma pessoa branca, uma morena, uma mulata, uma negra, uma oriental, entre outras etnias. Na Literatura porém, essas pessoas não fazem parte das narrativas, elas só surgem quando se discute algo politicamente correto, seja sua presença na comunidade escolar, seja sua história no continente africano.

## Considerações

Trazemos uma narrativa infantil atual, na qual a autora e a protagonista da história se mesclam, assim como a história de milhões de meninas de origem e biótipo africano. Com muita poesia e imagens belas, o livro promove uma experiência estética

potente e conduz a reflexão crítica sobre o preconceito que é uma realidade em nossas escolas e nossa cultura brasileira.

O discurso de a autora objetiva valorizar a aparência física das crianças afrodescendentes com uma estratégia de supervalorização étnica e física. Os valores morais da bondade, das falas amorosas, da voz da criança feliz que alegra o mundo – sua casa, a cidade toda, nas palavras da autora – é um discurso perpassado por utopias e esperanças de um mundo perfeito.

A criança que se identifica com a personagem que sofre bullying contra-ataca, chama os amigos de invejosos e não procura ajuda ou verbaliza seus sentimentos com a mãe ou amigas. Ela fala somente para si, em pensamento. Ela se demonstra forte e inabalada, mas quando volta para casa sozinha pensa na indelicadeza dos amigos com profunda dor, ao acessar as memórias dos antepassados nos navios negreiros.

Não nos cabe sentenciar a opção da narrativa que é sensível e bela. Consideramos apenas que livros infantis de aventuras, mistérios, poesia e de quaisquer gêneros com personagens negros que fazem parte da narrativa não pela cor da pele ou pela triste história do mundo, mas são pessoas comuns e representam crianças e adultos em contextos do cotidiano sem que haja qualquer ênfase nos seus traços, são uma possibilidade real que se encontra em literatura infantil. São poucas, mas existem.

Os modelos são importantes fonte de aprendizagem. Personagens de livros de literatura também são modelos. Faltam livros com modelos de personagens afrodescendentes inteligentes, protagonistas de literatura de deleite, que sejam salvos das correntes da literatura engajada que só tem um personagem negro para falar de sua negritude. O Brasil tem uma população branca inferior à 50%. Quantos livros têm personagens não brancos no nosso país?

Vivemos tempos de transições em muitos âmbitos: históricos, culturais e inclusive geográficos. As fronteiras estão caindo como caiu o Muro de Berlim. Precisamos deixar cair também as máscaras do preconceito e olharmos o outro nos olhos sem desviarmos os olhares para aparências e materialidades.

## Referências

GIROUX, Henry A. Por uma pedagogia e política da branquidade. **Cadernos de Pesquisa**, 107, p. 97-132, jul. 1999. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a04.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2015

GOMES, Lenice. **Os viajantes e o sonhador**. São Paulo: Paulus, 2013.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo: Ática, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura Crítica Da Literatura Infantil. **Itinerários**, Araraquara, n. 17, p. 179-187, 2001.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no black Power de Tayó**. São Paulo: Editora Petrópolis, 2013.

QUADROS, Marta Campos de; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Crianças que sofrem: representações da infância em livros distribuídos pelo PNBE. **Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 46, p. 175-196, jul./dez. 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**. Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

HILLESHEIM, Betina; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Literatura infantil e a produção de uma 'outra' infância. **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 210-216, maio/ago. 2009.

*Artigo aceito em dez./2015.*